

ENTORNO DE RIOBALDO

Antônio Fernandes de Medeiros Júnior¹

ODISSEIA

RESUMO: Este ensaio sonda elementos de construção literária do *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, tendo em vista a relevância cultural do romance e considerando aspectos de teoria da leitura formulados por Antonio Candido, Benedito Nunes e José Paulo Paes.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa brasileira, *Grande sertão: veredas*, Antonio Candido
ALL AROUND RIOBALDO

ABSTRACT: This essay investigates elements of literary construction in João Guimarães Rosa's *Grande sertão: veredas*, focusing on the novel's cultural significance and considering aspects of reading theory formulated by Antonio Candido, Benedito Nunes and José Paulo Paes.

KEYWORDS: Brazilian narrative, *Grande sertão: veredas*, Antonio Candido

Da vasta produção teórica, exercício caro ao século XX, conseqüente acúmulo de prestígio do texto impresso sobre a tradição de oralidade no Ocidente, parece subsistir remanescente o ponto de partida dialeticamente renovado. A prodigalidade do século passado revelada para difundir modismos analíticos e métodos de interpretação literária adotados nos cursos de Letras ao sabor das contingências ideológicas, políticas ou estéticas – e daí decorrem, entre outras, as relevantes conquistas do Formalismo Russo, do Estruturalismo francês, do New Criticism americano e da Estética da Recepção alemã, modelos teóricos auxiliares à atividade de leitura e difusores de técnicas de apropriação dos conteúdos literários, a partir de usos distintos e mediante os inevitáveis matizes mais realistas ou imanentes – embora em conjunto conforme a história do esforço reflexivo secular para a fixação de uma fórmula ideal para a leitura literária, revela-se insuficiente quando se tem a compreensão de que o aprendizado de leitura do texto literário exige do leitor mais do que a capacidade para cercá-lo por meio da aplicação mecânica de um modelo preestabelecido, cobrando-lhe, além disso, a destreza de um trabalho inventivo cujo método decorra do diálogo singular e associativo entre o conjunto de conhecimentos do leitor, do potencial de representatividade e do poder sugestivo do texto objeto de leitura.

¹ Doutor em Estudos da Linguagem (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor de Teoria da Literatura da UFRN.

Os modos de ler e as condutas recomendadas à leitura literária ocupam cada vez mais o tempo e a atenção da crítica especializada. Na “Nota Liminar” ao seu volume de ensaios *Transleituras*, José Paulo Paes pondera acerca das relações complexas que envolvem o circuito autor-obra-leitor, termos essenciais à ocorrência do fato literário:

(...) a leitura de uma obra literária é um ato de imersão e de distanciamento a um só tempo. Tal duplicidade do ato de leitura responde, simetricamente, à duplicidade do ato de criação literária. Este faz surgir o que antes não existia – daí falar-se em criação –, mas a nova obra, por mais original que seja, nem por isso deixa de se inscrever no sistema da literatura, formado teoricamente por todas as obras jamais escritas e por todas as interpretações ou comentários críticos que vêm suscitando. Só dentro desse vasto sistema, por nexos de continuidade ou de ruptura ou, melhor ainda, de continuidade/ruptura, pode ela adquirir a plenitude de sua significação. (PAES, 1995, p. 5)

No instigante texto “Ética e leitura”, integrante do seu volume *Crivo de papel*, Benedito Nunes divisa a dimensão de linguagem conforme a qual a literatura estrutura-se como discurso de singularidade:

Mas o valor da descoberta, sem dúvida de alcance reflexivo, é genérico, afetado pelo índice de distanciamento teórico relativamente às coisas humanas. Ao leitor, na posição de quem cumpre uma tarefa intelectual, como agente de um saber teórico a partilhar com os outros, faltaria o conhecimento do particular, do individual, da subjetividade, dos sentimentos, que só a Literatura pode transmitir. (NUNES, 1998, p. 178)

Nem melhor nem pior do que qualquer outra linguagem, a literária oferece ao leitor o trânsito específico por meio do qual ele possa, suspendendo provisoriamente a sua vivência empírica, dialogar com a dimensão imaginária. O impulso inicial para ler determinado texto literário pode revelar o estágio e o valor da curiosidade do seu aspirante a leitor que não o procuraria acaso estivesse satisfeito com o grau de compreensão de que dispõe acerca da realidade a qual experimenta e que o circunda.

Na literatura brasileira, poucos autores e obras têm recebido tamanha atenção crítica quanto o Guimarães Rosa (1908-1967) de *Grande Sertão: Veredas*. Não faltam razões para tanto. A farta fortuna crítica desse romance é por ela mesma indicativa do valor da obra. A qualidade notável de representação humana conferida por Guimarães Rosa à experiência ficcional de Riobaldo – protagonista de um universo estranho e atemporal, rude e complexo –, representação franqueada ao leitor que dela se aproxima, incitou o comentário seguinte, obteve de Antonio Candido a sentença lapidar:

Na extraordinária obra-prima *Grande Sertão: Veredas* há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um pode abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar (CANDIDO, 1978, p. 121).

O princípio de raciocínio dos dois trechos, o de José Paulo Paes e o de Benedito Nunes, anteriormente transcritos, coaduna-se a este terceiro de Antonio Candido quando manifestam em conjunto uma preocupação em comum para ressaltar o valor da intervenção do leitor em diálogo

com a obra objeto da sua leitura. O exercício analítico que ora se inicia concentra-se no interesse de propor comentários breves a fragmentos narrativos destacados desse romance de invenção rosiano, procurando deles extrair considerações acerca das atividades do leitor do texto literário e do conseqüente aproveitamento de aprendizado para a sua vida prática, por meio da compreensão das razões pelas quais o romance *Grande Sertão: Veredas* compõe um volume de ficção cuja leitura oferece contribuição exemplar à educação – não necessariamente acadêmica – do leitor-cidadão contemporâneo, submetido à urgência das linguagens visuais apelativas hegemônicas.

I. Limiar narrativo preparatório ao trabalho de leitura

- Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, eroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dele nem sei quem for. Vieram emprestar minhas armas, cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah! que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de brutalidade. O Urucúia vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte. (*Grande Sertão: Veredas*, p. 9)².

A instauração do entrecho sinaliza a qualidade prevista à relação ética de estima à inteligência do candidato a leitor da obra. Para este, dada a viscosidade dessa narrativa rosiana, ali esbarra, porque inútil, toda a cavilação de artifício corruptor que estimula a rarefação da leitura efetiva do texto literário, substituída pela prática vicinal da oferta compensatória pela síntese, do roteiro viciado, do meneio metonímico – tão cara à certa faceta autoritária do regime da facilitação contemporâneo. A aparência (postiça) de dificuldade sintática entrevista na leitura do primeiro parágrafo do volume resvala um convite à crise do discernimento, uma espécie de ônus exigido, sem o qual esmaecem leitor e texto por falta de função.

A cena de abertura – primeiro parágrafo do *Grande Sertão: Veredas* – sacoleja o leitor despertando-o, desde logo, para o ímpeto e para a violência com os quais ele conviverá centenas de

² ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. Todas as transcrições de fragmentos do romance são extraídas desta edição e são acrescidas do número de página onde se encontram.

páginas adentro – caso deseje tentar cumprir a estranha experiência de decifração desse universo eivado de peripécias, envolto em mistérios, crivado de venturas. Tal universo resulta do desembaraço narrativo que tal protagonista Riobaldo demonstra ter para vasculhar a diversidade verossímil daquilo que vivenciou, oferecendo-a espontaneamente ao “senhor”, seu interlocutor casual disponível, que dele se aproxima com a finalidade de obter uma informação útil à continuação da viagem que empreendia no sertão de Minas Gerais. A leitura do volume rosiano ilustra o significado expressivo do que pode ser um emaranhado ficcional útil à vida prática do seu leitor.

O cenário aberto é palco que faz ecoar estampidos de tiros. Os estrondos demarcam a linha divisória entre a realidade empírica e o território da ficcionalidade. De agora em diante, o leitor dispõe da senha para ingressar no universo incomum e experimentar uma longa jornada rumo ao desconhecido. O tom arrebatador de abertura do romance trata em resumo, sem demora, acerca da diversidade de matéria que compõe a narrativa: desde os conflitos banais entre indivíduos, decorrentes das relações sociais embrutecidas, conflitos ampliados às lutas entre bandos, até as sondagens inquietantes a respeito dos mistérios da existência humana.

A tentativa conciliadora da expressão inaugural de Riobaldo, “Nonada”, expressão inusitada e gentil, antes de apaziguar o “senhor” seu interlocutor – a necessidade da explicação é indicativa de que se trata de um forasteiro – revela súbito o ambiente tosco no qual os personagens estão inseridos e anuncia o ordenamento panorâmico da brutalidade. Determina a temperança obstinada de Riobaldo adquirida ao longo do tempo, embora omita o rumor subjetivo permanente a que ele está submetido.

No limiar narrativo, Riobaldo, nascido no baixo da ponta da Serra das Maravilhas, suspende as suas tarefas habituais para receber com deferência o leitor que acaba de aportar ao romance. Homem ruminante, tipo sibilino que oferece ao leitor o conjunto labiríntico da sua experiência sertaneja, Riobaldo apresenta-se como se fora um anfitrião rude, porém delicado e, rapidamente, sabedor de que o seu interlocutor desconhece as regras de funcionamento, as normas de conduta e os hábitos quotidianos do universo inventivo no qual se percebe envolvido. Desde logo, o tom didático e sem alvoroço da sua comunicação eloqüente, que parece infinita, ilustra as causas e os efeitos das ações que antecederam o início da narrativa, oferecendo ao leitor as condições mínimas para que ele se ambiente no contexto ficcional de estranhamento.

Assim, o som forte de tiros que parece assustador tão somente a quem adentra a narrativa – tanto quanto ao “senhor” interlocutor de Riobaldo, cuja perplexidade parece representar o impacto sofrido pelo leitor – manifesta uma prática comum no quotidiano e desencadeia comentários descritivos acerca dos valores e das preocupações imediatas correntes ao homem médio daquela comunidade rural. Paulatinamente, a geografia do lugar, o tipo humano predominante, os costumes sociais, as relações de convívio e de troca cultural com a fauna e a flora locais são expostos ao leitor sem cerimônia.

As referências toponímicas necessárias a situar o leitor nas representações dos campos-gerais, o além e o aquém, distintivos do lá e do cá no espaço narrativo (as notícias a respeito dos campos ermos sem densidade populacional), são duplamente proveitosas porque, provisoriamente, demarcam as linhas divisórias da região, especificam características físicas, biológicas e humanas que inseridas nela vivem, mas que, em seguida, abrem o espaço regional, ampliado à ambientação universal, quando essas extensões finitas adquirem valor metonímico de desproporcionalidade – “esses gerais são sem tamanho” – acrescidas na grandeza física de uma abstração de atemporalidade : “o sertão está em toda parte” –, no romance o vocábulo *sertão* adquire força expressiva conceitual, porque é promovido a tópico narrativo recorrente, destacando-se como tema

dos mais caros à engrenagem reflexiva de Riobaldo, fator relevante tendente à obsessão do protagonista, que é, de imediato, compartilhado com o leitor.

Por meio da exposição inicial de Riobaldo, cuja expressão de defesa e preservação de si próprio parece poupá-lo dos efeitos da tolice típica que descreve daquele “povo prascóvio”, o leitor entra em contato com as reações repulsivas num mundo medonho em que – e nesse momento ganham relevo os sentidos da visão, marcadamente importante por toda a narrativa – surge abatido “um bezerro branco, erroso” que antes “figurava rindo feito pessoa”, estabelecendo elemento de perturbação válido por toda extensão narrativa porque aproxima excessivamente a vivência irracional à condição humana, esta rebaixada e apenas um pouco acima da mera animalidade instintiva.

Contudo, não se trata de linguagem ressentida, sequer apequenada. A fala de abertura de Riobaldo coaduna-se ao melhor preceito da tolerância – “Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões...” – descendente da filosofia romana, conforme um aforismo das *Meditações* de Marco Aurélio (121-180 d. C.): “Considera que tudo é opinião, e que a opinião depende de ti” (PAES, 1965, p. 129), preceito transferido ao livre arbítrio e à capacidade crítica do leitor para que ele se sinta à vontade para dar seqüência à sua aventura literária.

Finda a leitura do primeiro parágrafo, o assunto da conversa persistente de Riobaldo, que no romance se estende por três dias consecutivos, tão “erroso” quanto as ações do bezerro branco, pode causar espanto ou admiração, contudo, é improvável que seja indiferente à experiência do leitor que se vê na contingência de optar entre a continuação do enfrentamento de leitura daquele discurso vigoroso, decidido a passar a limpo a totalidade da sua vivência, e a desistência desse exercício destemido de leitura, resolução que mais cedo ou mais tarde terá que tomar. Seja como for, para quem leu o primeiro parágrafo narrativo, está fornecida a premissa da reflexão de Riobaldo – “O senhor tolere, isto é o sertão” –, que surpreende pelo arrojo discursivo tanto quanto pela qualidade ética de respeito à disposição do “senhor” leitor para decidir livremente pela continuidade ou suspensão da audição / leitura.

Somados e disponíveis à especulação de leitura preliminar, os dados oferecidos por Guimarães Rosa no parágrafo de abertura ao *Grande sertão: veredas* conformam uma provocação e um desafio, são úteis para exemplificar satisfatoriamente a formalização do contrato lúdico entre texto literário e leitor num patamar elevado. As regras necessárias ao jogo de entendimento do texto são oferecidas ao leitor, de modo conciso, contudo sem economia de recursos. Por meio desse parágrafo inicial, o narrador-protagonista incita o leitor a ponderar a respeito de tópicos de cultura variados, apostando na expectativa de que a atividade dessa leitura exigirá atenção e mobilizará o conjunto das experiências acumuladas do leitor para o bom aproveitamento de compreensão da narrativa. Contudo, o acatamento das regras do jogo de leitura está longe de ser garantia para o êxito no empreendimento, apenas sinalizando a qualidade de investimento, de longo prazo, que o leitor acaba de aceitar.

II. A instabilidade do universo narrado e a atividade do leitor

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra, montão. (p. 20-1)

Por meio desse fragmento, Riobaldo renova o pedido de atenção ao seu leitor / interlocutor (“O senhor... Mire veja”) para incluir um tópico relevante, central no conjunto das suas preocupações existenciais. O tema da instabilidade, do “mundo movente” que não dá sossego ao homem, irremediavelmente submetido ao seu destino, quando menos, algoz das suas próprias escolhas, tema propulsor do *Grande sertão: veredas* o qual adquire de agora em diante valor referencial, divulga uma espécie de poética do *estar no mundo*, conforme a compreensão desse jagunço especial que acumulou conquistas importantes nos embates sertanejos, mas que também não esqueceu nem omite a sua origem obscura de filho que não conheceu o pai, de órfão desde os quatorze anos de idade – resistente a uma doença grave –, que figura no mundo acostumado aos trambolhões, aos revezes da vida, às negociações urgentes necessárias à sobrevivência precária no tempo presente sem grande expectativa de futuro.

Herdeiro do quase nada, de nada além de uma trouxa contendo uma bacia, uma caçarola bicuda, um alguidar, uma imagem de santo de pau e um caneco-de-asa pintado de flores, elevado pelos hábitos guerreiros a chefe de bando de jagunçaria, a compreensão trágica de Riobaldo acerca da vida é forjada de maneira complexa, compõe-se da sua capacidade extraordinária para suportar a precariedade de recursos e de preservar o seu ânimo diante das adversidades constantes.

O relato da travessia de Riobaldo consiste na ordenação de episódios justapostos sucessivos os quais, colecionados, conformam a sua fortuna. Narração controversa, a retórica de Riobaldo é permanentemente instigante, embora nem sempre convincente, quando, por vezes, propõe manobras éticas pouco defensáveis, portanto, passíveis de crítica do leitor do romance. Aqui, importa destacar a destreza de Riobaldo, hábil por saber resguardar e justificar o conjunto das suas ações narrativas.

A fala compulsiva de Riobaldo, labiríntica, por definição, pode contaminar a capacidade crítica do leitor, este envolvido pela exposição insistente de “causos” (lembramos aqui, por exemplo, os de Pedro Aleixo, de Pedro Pindó e do menino Valtei, o do casamento entre primos carnais ou, ainda, o do incesto entre mãe e filho, dentre outros) como se demandasse a expiação por crimes ou por faltas cometidas, como se penitenciasse pelas escolhas viciadas em detrimento das opções pela virtude. A intercalação dos “causos” entremeados ao enredo adquire valor de senha, de ilustração ou pedido de validação das ações cometidas pelo protagonista no ambiente tosco que configura a narrativa.

Tal sorte de manobra oferece ao leitor do romance a contingência de interlocutor privilegiado, de testemunha de uma exposição oral incomum, sobretudo porque esse leitor adquire o direito a conhecer os subterrâneos de uma consciência senão atormentada, pelo menos angustiada, irresoluta mediante o assombro rememorativo a que, espontaneamente, o personagem se oferece a cumprir.

Riobaldo articula seu discurso de defesa e legitimação da sua experiência procurando amparo e cumplicidade do leitor que, se desatento e pela adesão ao discurso do personagem, poderá perder a visão de fundo, a dimensão de complexidade, de valor histórico e documental da narrativa rosiana, este, sem dúvida, superior às razões de foro íntimo do personagem, por mais instigantes que se apresentem.

Sob determinado ângulo, a história do mal-estar de Riobaldo define-se pelo cumprimento de uma penitência por sua conduta na vida. Embora contemporize pelo exame da soma das suas experiências vividas – a dureza da atividade jagunça dele roubou o direito à prática e ao usufruto de uma vida prudente –, o tom da expressão de Riobaldo oscila entre um contentamento indisfarçável pelos mandos e desmandos decorrentes da sua trajetória guerreira (por longo tempo e diversas batalhas, membro integrante de bandos sucessivos, secretário de Zé Bebelo e, por fim, convertido em chefe de jagunçada e rebatizado, aclamado como chefe Urutú Branco na batalha final no Liso do

Sussuarão) e a dor gerada por uma privação, privação diante da impossibilidade do hábito de uma vida simples e pacata a cuja falta remete a totalidade do seu relato.

Mais relevante do que acumular conquistas sociais, do que obter reconhecimento por uma superioridade heróica em relação à truculência e aos embates contra ferrenhos adversários, pesa na consciência de Riobaldo a dor incessante com sabor acre decorrente da percepção aguda conforme a qual o preço do triunfo é excessivamente caro, danoso e impeditivo ao sossego da alma. Do ponto de vista de Riobaldo, o triunfo na batalha final no Liso do Sussuarão revela, numa operação dialética sutil, a faceta medonha de um prejuízo definitivo, a perda de um bem singular, o aniquilamento de um bem afetivo precioso, tornado irrecuperável como efeito negativo da vitória.

Paradoxalmente, o êxito na batalha final sobrepõe a dimensão trágica de um conhecimento inesperado às especulações de Riobaldo, evento situado acima do aprendizado do mal – moeda corrente nos campos gerais – de cujas regras o chefe Urutú Branco era detentor maior dentre os escolados na vivência da brutalidade e do enfrentamento irracional para solucionar as pendências da ordem política pelo método hegemônico da jagunçaria.

Por meio desse aprendizado penoso, Riobaldo, ciente de que “as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”, quando avalia o resultado do seu fado – esse fragmento destacado do romance é apenas um dentre tantos oferecidos ao leitor –, tende a considerar o imponderável, a sucessão de modos do ser vivente, que muda os desejos, que alterna as aspirações para aduzir as razões da sensação desagradável de perturbação.

O feito heróico de Riobaldo motivado pela imposição política sobre o bando de Hermógenes empalidece diante da constatação de que em lugar mais alto, superior aos louros previstos ao comandante vencedor do torneio final, assoma o ferrão da culpa pelo estrago provocado no conjunto de perdas humanas caras, perdas insuperáveis, ausências indesculpáveis, a tal ponto massacrante que o chefe Urutú Branco assume um espírito de seriedade reflexiva, até então inexistente, quando converte o sentimento de êxito numa profunda tristeza e, paulatinamente, em oportunidade para sondar as razões elevadas da contradição humana. Isto porque a contingência do triunfo torna patente a lição aguda da relatividade do mérito: pode-se perder mais do que ganhar quando se conquista o objeto da luta.

A vitória de Riobaldo na batalha final do Liso do Sussuarão também significou a erosão de seu orgulho guerreiro. O galardão da conquista salientou a semente de uma derrota latente, cruel e corrosiva. Definiu a “verdade maior” e a mudança de postura diante da vida na maneira dele de proceder, de pensar, de sentir. Determinou a interrupção da vida jagunça – paradoxalmente, no contexto em que poderia assumir o papel de líder entre os pares – e o propósito aprendiz do novo modo de viver pacato e sereno na comunidade, contudo, desassossegado e ruminante no plano íntimo. De herói a anti-herói comunitário, o “Isso me alegra, montão” sugere, fortemente, que Riobaldo alargou-se na dimensão da experiência humana.

A releitura atenta do *Grande sertão: veredas* ensina que, a essa altura ainda inicial da narrativa, referente ao fragmento destacado em análise, a postura crítica do leitor, envolvido pela avalanche inventiva do discurso de Riobaldo, pode carecer de matéria suficiente à elucidação do extraordinário poder de conversão de gestos, de hábitos e de atitudes, de aprendizado desassombrado, para os quais essa figura rosiana apresenta-se modelar. Mas ao leitor, é certo, não escapará a chance para criteriosamente percorrer o repertório exuberante de variações sobre o mesmo tema utilizado por Guimarães Rosa para construir a vida do personagem Riobaldo, material fartamente espalhado no decurso narrativo, tanto quanto, para ele, o leitor, crescer referências

relevantes ao seu território de especulação a respeito da instabilidade a que tudo e que todos estamos submetidos, referências válidas à sua vivência empírica, a partir do convívio de leitura dessa obra de ficção.

III. A impregnação da personalidade: verossimilhança e leitura

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo – podia morrer. Se acostumavam a ver a gente parmente. Que nem mais maldavam. E estávamos conversando, perto do rego – bicame de velha fazenda, onde o agrião dá flor. Desse lusfús, ia escurecendo. Diadorim acendeu um fogueiro, eu fui buscar sabugos. Mariposas passavam muitas, por entre as nossas caras, e besouros graúdos esbarravam. Puxava uma *bris-brisa*. O ianso_do vento revinha com o cheiro de alguma chuva perto. E o chiim dos grilos ajuntava o campo, aos quadrados. Por mim, só, de tantas minúcias, não era o capaz de me alembrear. Que se hoje fosse. Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. (p. 25).

Grande sertão: veredas harmoniza, de modo insistente, a narrativa labiríntica hospedeira de um espírito irrequieto que tece o comércio íntimo das suas emoções mais profundas. Tal perseverança em obter a limpidez da expressão não se furta de tentar encontrar a fronteira mais elevada de linguagem para comunicar a perplexidade e o caminho pelo qual Riobaldo tornou-se homem invulgar.

Riobaldo fala no limite da expressão possível. O tempo da narrativa e o tempo da narração imbricados sinalizam que não há segredo a preservar, nada a esconder, tampouco a temer porque o tempo da conveniência social, da discrição acanhada perdeu o vigor por falta de função. A opção por desembaraçar-se dos conteúdos da memória exige esforço grandioso irrecusável, invocando uma espécie de *a hora e vez de Riobaldo*, que articula um discurso reverberante transcendente à mera experiência isolada de um indivíduo, tornando-se assim, ilustrativo da propensão humana a experimentar os abismos da agitação emocional e dos sentimentos turvados.

A jornada de efeito catártico a que se propõe fazer examina com minúcia o cerne da vida jagunça. Por todo o romance, a compulsão elocutória de Riobaldo visa a desencavar as raízes de uma combinação de espíritos – árvore frondosa geradora dos frutos da fortuna de vida dele. Escancarado, o fluxo da fala de Riobaldo demonstra exaustivamente a quota de valor reflexivo, por meio da verossimilhança, que uma obra literária dada à leitura pode oferecer ao leitor que dela se aproxima.

Grande sertão: veredas narra a história entre histórias de um entrelaçamento, de um vínculo fio da meada condutor de uma camaradagem rara. Esse fragmento transcreve o contexto da primeira referência nominal ao jagunço-companheiro Diadorim, figura superlativa, razão de ser e de todo encantamento de Riobaldo que dele extrai o ânimo geral para dosar, ao sabor das contingências, a brandura serena tanto quanto a fúria insana nos embates do cotidiano sertanejo. No alvoroçado universo das disputas pelo poder e pela primazia política nos campos gerais, Diadorim representa o eflúvio mobilizador da inquietação de Riobaldo. Por Diadorim, Riobaldo aquiesceu para se

transformar no chefe Urutú Branco; por Diadorim, Riobaldo depôs em definitivo as armas e declinou para silenciar o epíteto de Urutú Branco.

“Diadorim e eu, nós dois”. A frase nominal descarnada, sem verbo, é, por si, indicativa da qualidade e da substância conferida por Riobaldo a essa relação singular de estima e de reciprocidade. Também poderia ser tomada pela síntese fabular referencial bastante significativa ao conjunto narrativo. Do ponto de vista de Riobaldo, o epicentro do vasto mundo jagunheiro acha-se internalizado no ambiente de recato proporcionado por suas longas conversas com Diadorim.

Esse fragmento selecionado introduz no *Grande sertão: veredas* o tema da amizade – incorpora todo o campo semântico que define as relações interpessoais de afetividade –, e, progressivamente, o assunto ganha relevo para se definir como o tópico entre os tópicos preferenciais no percurso narrativo. Insere a linguagem da ternura num mundo marcadamente ríspido que inibe qualquer manifestação de amabilidade. Assim, a história do convívio terno e amável particulariza o encontro de Diadorim com Riobaldo, fato central, razão de viver de Riobaldo. Riobaldo se debate encantado, em retrospecto – “Com assim, a gente se diferenciava dos outros – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si” –, para tentar compreender o inusitado dessa experiência que, de tão improvável, não se repetiria.

O discurso turbulento de Riobaldo visa a entender o desatino dos seus sentimentos, busca compreender a natureza confusa desse apego amoroso ao amigo Diadorim³. Com o afunilamento e o recorte do tema da “amizade estreita”, Guimarães Rosa, pouco a pouco, vincula a narrativa à tradição reflexiva sobre o assunto, ao mesmo tempo em que desenvolve a fábula da mulher guerreira, da donzela sertaneja premida por motivos de sobrevivência a travestir-se de homem. Assim, omite a faceta do sentimento amoroso entre um homem e uma mulher, e, por indução construtiva na técnica do romance, permeia o relato de Riobaldo – confuso perante o hábito postiço de Diadorim – de forte carga erótica homossexual. Contudo, bem feitas as contas, o faro erótico masculino de Riobaldo não se enganou. A exuberância do relato de Riobaldo trata a respeito dessa ignorância em relação à identidade feminina autêntica de Diadorim. Ocorre que, idealmente, nem o leitor nem Riobaldo saberiam disso. De fato, qualquer conhecimento sumário que o leitor hipoteticamente possa dispor acerca desse desfecho narrativo perde importância – uma vez cumprido o seu trabalho de leitura do romance. O arranjo narrativo rosiano é tão convincente que se torna singular.

A vocação do *Grande sertão: veredas* é a de reafirmar o valor sugestivo da leitura literária compreendido na interação verbal entre a disposição do personagem-narrador para escancarar a sua forma de conhecimento de mundo e a anuência do leitor para, pacientemente, admitir que a multiplicidade de experiências de leitura de narrativas de ficção favorece a ampliação do valor da sua própria experiência empírica. Tal interação verbal entre o universo narrado por Riobaldo e as experiências de vida do leitor produz o encontro peculiar, marcante. O longo percurso discursivo de Riobaldo, quando encontra o leitor disponível a percorrê-lo, estimula uma espécie de código estabelecido entre ambos com a finalidade de testar, mutuamente, os limites da perseverança, da paciência de um ao narrar e do outro ao ler / escutar. A política altruísta do discurso de Riobaldo se completa com a atenção abnegada do leitor da narrativa que exerce função de agente auspicioso à

³ “Sem dúvida alguma, há semelhança entre a amizade e o amor. Diremos mesmo que o amor é o desatino da amizade”. Apud SÊNECA. O sábio e a amizade. In: PAES, José Paulo. 1965: 57.

fala de Riobaldo de quem o leitor extrai a novidade rude de um modo especial, particular, de estar-no-mundo.

Para cada novo leitor que dela se aproxima, a narrativa rosiana não é original pelo tema de que trata, mas por meio da singularidade do arranjo discursivo que concatena. No ritual de desnudamento para a lavagem do corpo inerte de Diadorim – que morreu no Paredão, em luta corporal com Hermógenes, o assassino de seu pai Joca Ramiro – preparatório ao sepultamento digno, ressonante da melhor tradição descritiva e de ilustração homérica sobre o valor da amizade, disponível na *Ilíada*, canto XXII, é manifestado ao leitor o desfecho extraordinário quando a identidade autêntica do bravo amigo-jagunço de Riobaldo, Diadorim, aflora no seu corpo de mulher e é, por fim, revelada Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins.

A força expressiva desse desfecho épico beneficia-se da excepcional carga de tensão ficcional armazenada na ordenação das centenas de páginas do volume em cujo núcleo metafísico se concentra a dúvida cristã a respeito da existência ou não do diabo, nomeado e renomeado, e que resvala à dúvida acerca do valor da experiência histórico-ficcional do protagonista, tudo acumulado no decurso narrativo. Ali se revela a crueza verossímil da dor sem fim, razão retrospectiva definitiva que justifica o emaranhado romanesco no qual Riobaldo se vê submetido e a partir do qual Guimarães Rosa inventa sua literatura.

Diferentemente do personagem homérico Aquiles que pôde, fisicamente, vingar a morte do amigo Pátroclo, morto no combate troiano, fato imediatamente transformado na renovação da sua razão de viver, a Riobaldo restou o desconsolo de cogitar profundamente a perda definitiva do amigo Diadorim, perda que reverbera inelutável, comichão suficiente para tentar remover indefinidamente o passado e a experiência, pela busca, por vezes delirante, por vezes serena, de compreensão do seu estado de turvamento.

A regra da ruminação incisiva de Riobaldo – expressa ao interlocutor-leitor – catalisa a reflexão ética a respeito da qualidade excepcional da estima, do afeto e do apreço resultantes de uma camaradagem (“Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza”) que emergiu surpreendente no espaço adequado ao inóspito, no ambiente de jagunçaria. A surpresa da descoberta final e a vivência prolongada desse sentimento amigo recíproco, por isso amoroso, justificam o interesse manifesto por Riobaldo para narrar a soma da sua experiência, para salvaguardar a imagem de Diadorim e, sobretudo, para celebrar a qualidade humana de uma amizade que desconheceu qualquer limite menor do que o do convívio solidário, cordial e prestimoso. O empenho de Riobaldo, dedicado a transmitir a fortuna dessa amizade, tende a contagiar a interação narrativa do personagem-narrador com o seu leitor-ouvinte, qualificando-a num patamar de cumplicidade também elevado.

IV. A história que se repete não é a mesma (“mas como dói”)

O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração? (p. 443)

Grande sertão: veredas relata o enredo de uma experiência acabada, mas que se recusa a ser esquecida, historia a vivência que se corrige insistente para focalizar o “adeus às armas” do

protagonista em busca de apaziguamento, de sossego ao espírito, avaliando e reavaliando o acontecimento poético central da sua vida que parecia tão prosaica quanto a de jagunço qualquer. Riobaldo rememorativo associa-se, por meio de fio tênue, a companheiros ilustres da galeria literária e das figuras calejadas “de cabelos brancos”. A história da mentalidade obscura flagrante ou inaparente, privada ou pública, é tão antiga quanto o homem e não escapa às representações de verossimilhança a que a narrativa ficção se destina. A queixa sem fim de Riobaldo refere-se à lamentação por um turvamento de percepção grave e inapreensível.

O raciocínio enérgico do protagonista rosiano empreende esforço para tentar entender os modos requintados pelos quais a trama do destino enovela experta ao ponto de tê-lo burlado, de ludibriar o chefe Urutú Branco – orgulhoso companheiro de Diadorim – que abatido, reconhece a insuficiência de seu trunfo para enxergar o dado mais relevante que não lhe foi permitido saber. Preservadas as distinções temáticas, as dicções discursivas e os fatores de ordenamento estético-cultural, contudo aguçando os aspectos emblemáticos, *Grande sertão: veredas* associa-se ao universo tebano de Sófocles (496 a.C.- 405 a.C.) numa versão romanceada.

O sertanejo Riobaldo é o renovador, ao seu modo, mas também à sua revelia, de fábulas da idade heróica da Grécia num tempo e espaço crus, destituídos da exuberância épica. É o agente narrativo que transmite sutil e reverberante ao seu leitor a expressão final do Corifeu tebano⁴, lembrando ao homem comum a todas as épocas que a pulsação do fado desconhece as razões do indivíduo. A dupla figuração de Riobaldo adere à fortuna trágica grandiloquente do *Édipo Rei* e à reflexão madura do *Édipo em Colono*. Por esse paralelo, tanto o tempo glorioso de Édipo “Rei” quanto o tempo jagunheiro de Riobaldo “Chefe Urutu Branco” ficaram para trás. As conquistas sociais superiores do grande rei bem como os feitos bélicos do jagunço tornaram-se inexpressivos perante as urgências reflexivas, de foro íntimo, a que ambos perceberam inarredáveis.

O Riobaldo que narra no tempo presente da ficção é o agora pacato “quase barraqueiro” (p. 460) às margens do rio São Francisco, habitante de um espaço mágico que lembra simbólica a Colono arcaica, significando um espaço de confrangimento e de solidão semelhantes ao do Édipo exilado, desafeiçoado dos grandes feitos heróicos porque dedicado a examinar cuidadosamente a fortuna do que lhe é pessoal, do que não faz caso ser expresso em público.

Guimarães Rosa, herdeiro de Sófocles, elabora o enredo de Riobaldo desenvolvendo o tema do assombro e da perplexidade, discorrendo a respeito de duas derivações temáticas, sobre a cegueira e o exílio. Um e outro, tanto Riobaldo quanto Édipo padecem por uma falta grave de aptidão para perceber, no tempo adequado, a realidade circundante, sem a qual as vidas deles, revistas, parecem-lhes estragadas. Se para o protagonista de *Édipo em Colono* o interesse predominante é descobrir a natureza da sua própria identidade, da sua identidade autêntica, por toda sua existência ignorada, para o protagonista de *Grande sertão: veredas* importa sondar as razões pelas quais não foi competente para desvendar a identidade autêntica do outro, de Diadorim, que lhe seria complementar.

⁴ “Vede vós, habitantes de Tebas, meus concidadãos! Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos; ele foi um senhor poderoso e por certo o invejastes em seus dias passados de prosperidade invulgar. Em que abismos de imensa desdita ele agora caiu! Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade antes dele cruzar as fronteiras da vida inconstante sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento!” SÓFOCLES. *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono e Antígona*. 8 ed. Tradução do grego e apresentação de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96. [referências?]

A amizade companheira entre Riobaldo e Diadorim desenvolveu-se plena e satisfatoriamente, a ponto de, sob esse aspecto, Riobaldo nada ter a lamentar-se. O preço da vida jagunça prevê o desfecho da morte a qualquer tempo em combate qualquer. A percepção turvada em relação ao outro-complementar que assomou subitamente revelado com a morte de Diadorim – e que constitui a fonte decepcionante suficiente para desencadear a auto-imolação – manifesta outro ordenamento discursivo: Riobaldo não se perdoa por não ter sido fiel ao seu instinto erótico masculino que penetrou no segredo feminino travestido de Diadorim, mas que recuou apequenado ao estado de dúvida temendo pela oscilação e pelo julgamento público depreciado referente à sua virilidade jagunça.

Infiel a si próprio, adaptado para atender compromissos sociais da ética sertaneja, Riobaldo protelou demasiado até que a realidade da morte de Diadorim sobrepôs-se, determinante, à sua autonomia cerrando toda chance para que ele fizesse as suas escolhas pessoais. Algoz e vítima da postura pusilânime, Riobaldo perscruta indefinidamente, por becos e vielas da memória, a fortuna da sua experiência que contém o ranço de uma incompletude humana a qual busca, sem preguiça, expressão para alcançar o termo da sabedoria adquirida em meio aos embates e nos confrontos revestidos pela brutalidade.

No caso de Édipo, o exílio político a que foi submetido significa punição social imposta pelo descontentamento da nova ordem vigente, contudo, a cegueira física do personagem resultou de atitude autopunitiva para tentar purgar o desprazer resultante da própria incompetência para aderir ao aforismo latente “conhece-te a si mesmo” socrático. Para Riobaldo, o auto-exílio às margens do rio São Francisco fundamenta o ambiente propício ao recolhimento humilde (“o sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca...”, grifo nosso) favorável à sondagem ampla no íntimo das suas experiências, porém, sem abdicar do direito à vivência, às conseqüências diversificadas do convívio social e da permanência no espaço-sertão que prossegue gerando efeitos de regulação de sua percepção, conforme a flexão verbal de tempo presente do verbo “produzir” é indicativa.

V. Dois trechos metalingüísticos curtos

Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração. (p. 14)

Ensaio de sintoma crítico e de exaustão provisória, esse trecho transcrito é respiradouro narrativo. Ainda que de maneira episódica, a Guimarães Rosa não escapou a sutileza irônica de atribuir a Riobaldo a função de professor⁵, ofício aviltado historicamente entre nós, provocando reflexão vivaz, cada vez mais contemporânea, relativa à nossa incapacidade crônica para institucionalizar o sistema educacional brasileiro consistente e democrático orientado pela excelência de qualidade de ensino e pela oportunidade universal de direito legítimo à inclusão social. A suposição de disparate pela atribuição de grau à escolaridade ao jagunço Riobaldo engendra no romance uma farpa contrastiva fincada sorratamente no conjunto narrativo como requinte suplementar do procedimento literário rosiano.

⁵ “Aí Zé Bebelo reparou em mim: – ‘Professor, ara viva! Sempre a gente tem de se avistar...’” (p. 70)

O narrador veterano de cabelos brancos Riobaldo é o indivíduo versado na arte do conflito mundano, protagonista remanescente de um universo subsistente ao arrepio da lei, num lugar onde impera a regra categórica bruta do mais forte. A lição de vida prática, do “professor” Riobaldo deriva duma estranha capacidade de voltar atrás no tempo para, corajosamente, investigar a ventura da sua experiência, vasculhando os escaninhos da memória por meio de exercício imaginativo de busca e pela tentativa de esclarecimento do fado que protagonizou.

O valor pedagógico de exceção decorrente de tal “doutoração” inusitada, arrancada a fórceps na crueza da experiência, mérito disponível a Riobaldo, embora não requerido por ele que, detentor de notória sabedoria acumulada vida afora, instrui o leitor por meio de exercício modelar de enfrentamento autodidata competente, habilidade rara facultada a não menos raros indivíduos, emendando notas a uma espécie de breviário de ficção revelador de aspectos representativos do emaranhado afetivo humano e de uma rede emocional complexa formativa de um indivíduo que aparenta singeleza.

A excelência de resultado literário da empreitada discursiva de Riobaldo, contudo, não o exime de manifestar o inconveniente declarado pela “inveja” nutrida em relação ao cidadão, entre nós ainda privilegiado, que passou por processo de escolarização e adquiriu mobilidade social e instrumental ético adequado à vida social saudável. Neste sentido, o recado de Riobaldo ecoa forte, é semente que aguarda solo político fértil para germinar o direito à educação escolar universal.

Riobaldo é o personagem da exemplaridade, representa um padrão extra apto à cognição elevada, muito acima da cidadania mediana. É figura invulgar capaz de colecionar e de apreender, por meio de raciocínio rústico forjado maduro, as parcelas arredias da realidade. O recado dele difere da lamentação pessoal por ter sido excluído do processo de escolarização. Não se trata de reivindicação do indivíduo que amealhou sabedoria independente da instituição escolar e, por isso, dela não se ressentir. Trata-se, isso sim, de um apelo inserido no romance de invenção de Guimarães Rosa, reivindicação atual, cinqüenta anos após o surgimento da obra que jocosa adverte acerca dos perigos a que se expõe o sistema escolar entregue ao regime de facilitação e de afrouxamento de exposição e da correspondente cobrança avaliativa de conteúdos escolares. A “doutoração”, mencionada em linguagem jagunceira, é crítica ferrenha à baixa qualidade efetiva da escolaridade e à contraditória promoção facilitadora interessada em grau de titulação elevado com a finalidade rebaixada de ampliar números e estatísticas empobrecidos.

O senhor me organiza? Saiba: essas coisas, eu pouco pensei, no lazer de um momento. (p. 277).

Por meio desse fragmento breve de teor metalingüístico situado na metade do entrecho, apropriado ao repouso narrativo e ao encorajamento para a continuidade do trabalho da narração-audição-leitura do enredo, Riobaldo expõe, dialeticamente, a qualidade superlativa do discurso eloqüente, do usuário refinado praticante de uma língua portuguesa singular por ele trançada em níveis de linguagem que podem surpreender o leitor. Por meio da pergunta retórica que solicita organização, incorpora sub-reptícia, a inquirição sinuosa e variada que permeia o conjunto da fala alongada dele: o que significa ler? Quem é o leitor? O que é a obra de ficção literária? E quando inquire, Riobaldo faz pesquisa, sonda, vasculha, coleciona dados para renovar o raciocínio irrequieto, compendia o estoque de recursos técnicos disponíveis para inventariar a compreensão referente à vida dele. Deixa transparecer que ler pode ser pesquisar, vasculhar, sondar, buscar de um lado, observar de um outro os ângulos possíveis, tudo diligente à apreensão do objeto móvel catalisador

dos desejos humanos. De rebarba e sem perder as estribeiras, oferece a quem se dispuser acompanhá-lo um punhado de sugestões úteis ao aprendizado e à pesquisa sobre a dificultosa arte de viver.

Para Riobaldo, o tempo reservado à investigação é o tempo farto do convite à permanência, que não deseja suspender a experiência, ao invés, a estimula exaustivamente. Por isso, o discurso compósito dele revela que o tempo empregado para articular a enunciação corresponde qualitativamente ao tempo franqueado à investigação interessada em tentar decifrar os conteúdos da matéria expressa. Nesse diálogo vivo e de mão dupla, alinham-se o leitor filósofo Marco Aurélio, o leitor filósofo Sêneca, o leitor guerreiro Aquiles, o leitor rei Édipo e o “senhor” leitor anônimo, não menos importante do que qualquer outro.

Para além da motivação intimista de Riobaldo, justificação suficiente para ler o *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa forjou com a sua obra vasto painel de valores históricos, antropológicos e culturais de um Brasil pós-guerra, ainda rural, de um país possível existente na metade do século XX, anterior às transformações decorrentes do processo de urbanização brasileiro, projetando-o ao devir.

Grande sertão: veredas é o romance da introspecção divulgada e do despojamento de Riobaldo, um curso aberto de humanidades, aberto e vigoroso, proferido em linguagem literária, oferecido ao leitor de todas as faixas etárias para quando a norma política se dispuser a qualificar o sistema escolar brasileiro democrático e universalizante propulsor de cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: *Tese e antítese*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- _____. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Haroldo de Campos. Organização Trajano Vieira. São Paulo: Arx, 2002.
- NUNES, Benedito. Ética e leitura. In: *Crivo de papel*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- PAES, José Paulo. Nota liminar. In: *Transleituras: ensaios de interpretação literária*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. Prefácio. In: *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PAES, José Paulo (Seleção, tradução, prefácio e notas). *Pensamentos sobre a arte de viver*. São Paulo: Cultrix, 1965.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- SÓFOCLES. *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono e Antígona*. 8 ed. Tradução do grego e apresentação de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.